



Campo Grande, 1º de março de 1978.

Prezados Irmãos,

na ante-véspera do Natal, dia 23 de dezembro de 1977, rodeado dos irmãos da casa de Coxipó da Ponte (Cuiabá), concluiu sua caminhada terrena o senhor

Francisco Fernandez Sanchez,

humilde coadjutor, companheiro de lutas apostólicas dos padres Chovelon e Colbacchini e decano dos coadjutores da inspetoria. Contava 86 anos de idade, 67 de profissão religiosa e 55 de vida missionária.

Escreve num de seus artigos: "Nasci em Bejar — Espanha — bela e industrial cidade salmanticense, que se encontra aos pés da serra homônima e se prostra ante o "Castañar", em filial homenagem à Virgem, sua Senhora. Aí nasceu a minha vocação salesiana e missionária".

Na cidade natal freqüenta o colégio salesiano e, em 1919, entra no noviciado de Carabanchel Alto, professando no ano seguinte, como clérigo.

Em 1911 abandona o caminho do sacerdócio pelo de coadjutor. Repete o noviciado, como era de praxe naqueles tempos, e renova a profissão religiosa, passando, depois, "como professor ao nosso colégio de Ciudadela (Menorca)". Não sabemos os motivos que levaram o sr. Francisco a esta mudança, pois do êxito nos estudos dão prova seus freqüentes escritos para revistas e amigos da Espanha. Um destes escreve-lhe: "Lemos sempre com grande satisfação tuas cartas, cartas bem escritas. Não em vão fizeste os estudos. Lástima,

não os tenhas concluído! Espero ver-te um dia sacerdote. Não pensas alguma vez nisto? A esfera de tua ação seria bem maior". Ter conservado esta carta entre os documentos pessoais, com tradução de próprio punho, talvez, denote certa nostalgia pelo passo dado.

Em 1922, o grande sonho missionário da juventude converte-se em realidade. A obediência destina-o às missões de Mato Grosso. A viagem é demorada. "Levamos quinze dias — escreve a um amigo — para atravessar o Atlântico, e dois meses para chegar, por via terrestre e fluvial, a meu destino: Corumbá." A primeira obediência missionária deixa-o desapontado: lá não havia índios! O desapontamento não é longo. No ano seguinte é enviado entre os Bororo, na Colônia Sagrado Coração de Merúri. Durante catorze anos é maestro de banda, de música, professor, meteorologista, agricultor. Propriamente, de lavoura não entende, mas, por amor aos índios, trata de aprender, porque: "Aqui, dizem-lhe — não é lugar de fazer o senhorzinho; aqui é preciso arregaçar mangas e calças e pôr-se ao trabalho."

Os Bororo, já em fase de aculturação, não satisfazem sua ânsia de apostolado. O desejo de ir em busca de novas tribos, leva-o a oferecer-se para integrar o grupo que vai tentar a aproximação dos Xavante, que eram o terror da região. A oferta não é aceita e, com paciência, espera outra oportunidade.

Esta surge em 1937, quando acompanha padre Chovelon nas excursões pelo rio das Mortes, em nova tentativa de aproximação. Ao passar pelo lugar do martírio dos padres Fuchs e Sacilotti, percebe boas disposições por parte dos índios: os presentes, deixados ao pé do cruzeiro, haviam sido substituídos por flechas e outros objetos indígenas.

Navegando rio abaixo, os missionários encontram um grupo de aproximadamente trinta Xavante. Desembarcam: o sr. Francisco dirige-lhes perguntas em língua Xerente, às quais um chefe responde com longo discurso ininteligível. Trocam presentes à distância e despedem-se. É o primeiro encontro pacífico, não, porém, sem surpresas. Enquanto, no barco, ele limpava a espingarda, uma flecha roça-lhe os cabelos e outra atravessa o pulso do P. Chovelon, de lado a lado. Um tiro no ar e tudo volta à calma. Um índio, pouco satisfeito talvez pelo presente recebido, quis vingar-se. Infelizmente inícios tão auspiciosos foram abruptamente interrompidos por imprudência de civilizados.

Em 1950, padre Colbacchini é nomeado capelão da Fundação Brasil Central, com sede em Xavantina, às margens do rio das Mortes, onde convergiam grupos de Xavante, residentes na região. Ao padre Colbacchini une-se o sr. Francisco, como encarregado da escola e do observatório meteorológico. A integridade da vida, a seriedade no cumprimento do dever e a heroicidade na vida missionária são as notas que o caracterizam particularmente neste ambiente difícil, quando não hostil. Em carta ao superior, escreve: "Por minha parte continuo a rezar para que N. Senhor remova os obstáculos cada vez maiores à nossa missão e possa continuar sua marcha lenta ainda que martirizada."

Em 1951, na festa de S. Francisco de Sales, dá-se novo encontro amigável com os Xavante. Sua presença fora notada na margem es-

querda do rio, em frente à cidade. Os salesianos, avisados, vão ao encontro. O sr. Francisco senta-se no meio deles e procura entabular diálogo. Ao perceber alguns sons guturais de seu idioma, põe-se a cantar uma jota espanhola. Vencidos os primeiros momentos de desconfiança, selam a nova amizade com os missionários. Por ocasião de novo encontro, após distribuição de roupa, o cacique apresenta aos missionários o próprio filho, que acabava de chegar. Nada mais restando-lhe a dar, o sr. Francisco não tem dúvida em tirar as calças, ficando de calção, e entregá-las ao recém-chegado. O jovem retira-se satisfeito e o sr. Francisco também. Mais tarde, porém, descobre ter ficado sem o relógio, tão necessário para as observações meteorológicas, esquecido num dos bolsos das calças doadas. Infelizmente já era tarde demais.

Em 1955 é transferido para a missão de Santa Teresinha, posto mais avançado da catequese xavante. Ao diretor, que lhe pergunta que desejasse na missão, responde com toda naturalidade: nesta missão, eu quero trabalho, pão e paraíso.

O trabalho não faltou. Em carta ao superior, que o julgara um hábil enfermeiro, informa: "Não foi bem informado quanto às minhas pretensas habilidades enfermeiras; não entendo patavina. Por isso minha ocupação é derrubar mato o dia inteiro para sanear um pouco o lugar. Digo um pouco, porque os brejos são tantos que para conseguí-lo nossas forças e possibilidades não são suficientes." O pão ou alimento, apesar das dificuldades, não faltou. O trabalho dos salesianos, adidos à missão, proporcionava o necessário para eles e para os trezentos Xavante lá abrigados. O paraíso? O Senhor da messe, fiel à sua palavra, já lho terá dado.

Abandonada essa missão, o sr. Francisco continua em suas costumeiras atividades de professor e mestre de banda e de música, na colônia do Sangradouro.

Em 1970 as energias começam a declinar. A bengala, e a cadeira de rodas depois, permitem-lhe participar da vida de comunidade. Em 1973 sua saúde desperta preocupações. É-lhe conferido, em solene concelebração, presidida pelo padre inspetor, o sacramento dos enfermos. A leitura do artigo 121 das Constituições renovadas introduz a comunidade presente no sentido da enfermidade para o religioso. Antes do ofertório, o padre inspetor unge-o com os santos óleos e, depois da comunhão, a pedido do sr. Francisco, que não podia falar, lê a fórmula da profissão, tornando a função uma festa de fidelidade à consagração batismal e religiosa.

Em 1974, precisando de melhor atendimento, é transferido para a casa de Coxipó da Ponte, onde transcorre os últimos anos, sob a amorosa e fraternal assistência do irmão coadjutor Jorge Bombled, que, abnegadamente, durante seis anos, lhe prestou os mais humildes cuidados. Ele nos dá o seguinte testemunho: "Tendo vivido ao lado do sr. Francisco, adquiri um afeto todo particular, que, com o passar dos anos, ia se intensificando e purificando. Creio poder afirmar que ele chegou ao ponto de não mais se queixar, apesar da dor que sentia por feridas sempre abertas. Um **arriba España**, sussurrado ao ouvido, era suficiente para levantar seu espírito e fazer brotar em seus lábios e brilhar nos olhos a alegria e o contentamento."

Prezados irmãos, o exemplo desses humildes irmãos coadjutores, fiéis à sua vocação religiosa, que viveram numa total doação, testemunha seu valor na congregação. Essa doação era no sr. Francisco alimentada por uma fé ardente e uma piedade sincera. Num bilhete, amarelado pelo tempo e pelo uso, encontrado no livro das constituições, escrevera: "Dai-me o vosso santo amor, total abandono e perfeita conformidade à vossa divina vontade. Concedei-me a perseverança final, uma santa morte e o paraíso." No verso, liam-se as sentenças: "Nada te perturbe, nada te espante, só Deus basta. Os espinhos da vida, na hora da morte, transformam-se em rosas. É preciso dar cada dia um passo para o paraíso."

Nesse programa de vida, que o sr. Francisco procurou realizar com dedicação e humildade, está a raiz de sua plena disponibilidade à Providência divina e de sua paz interior.

Como Abraão, acolheu o chamado do Senhor para deixar sua terra, sua querida Espanha, sem jamais voltar, fazendo da "terra xavante sua segunda pátria e dos índios xavante seus novos parentes. Dizei-lhes — escreve ele — que desejo morrer entre eles e indiquei-lhes o lugar onde desejo ser enterrado em nosso humilde cemitério. Quero que meus ossos sejam o último legado para essa tribo, à qual dediquei todo o vigor da minha maturidade."

Deus não permitiu que seu desejo se realizasse: seus restos mortais repousam em Coxipó da Ponte, donde, há 75 anos, partiram os primeiros missionários salesianos que iniciaram a catequese bororo.

A juventude hodierna dirige seu último legado convidando-a a assumir, em seus braços novos e robustos, a tarefa que não pôde terminar: "Levar a civilização e a fé àqueles irmãos, confinados no hinterland brasileiro."

Recordando-o em nossas orações, peçamos ao Senhor envie novas e generosas vocações, principalmente de coadjutores, para o campo missionário desta inspetoria.

Ao irmão Jorge Bombled queremos expressar sinceros agradecimentos pela assistência assídua e carinhosa, durante seis longos anos, ao saudoso Francisco Fernandez.

Em fraterna união de orações,

irmão em Dom Bosco,
P. José Corazza
Vigário Inspetorial

Dados para o necrólogo

Sr. Francisco Fernandez Sanchez nascido em Bejar, Espanha, aos 4 de abril de 1891. Falecido em Coxipó da Ponte, Mato Grosso, Brasil, aos 23 de dezembro de 1977, com 86 anos de idade e 67 de profissão religiosa.